

## UM PROJETO DE EXTENSÃO IMPULSIONANDO A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Ana Paula Pereira de Oliveira Silva<sup>1</sup>/UNEAL; paula\_kayte@hotmail.com  
Beatriz Caetano da Silva<sup>1</sup>/UNEAL; biaangelina@gmail.com  
Elizabete Serafim da Silva<sup>1</sup>/UNEAL; betynha\_bete@yahoo.com.br  
Josefa Betânia Vilela Costa<sup>2</sup>/UNEAL; jbvcosta@hotmail.com

### RESUMO

O texto em questão relata uma experiência de formação inicial de professores de Ciências, através de um projeto de extensão desenvolvido por alunas da graduação do Curso de Ciências Biológicas/UNEAL na escola pública Estadual Costa Rêgo, envolvendo quatro turmas do ensino fundamental. O interesse em desenvolver tal projeto surgiu com a finalidade de aproximar o aluno da graduação da realidade da escola e ainda, colaborar com a mesma, desenvolvendo atividades em parceria. A opção por tratar do tema da sexualidade do adolescente, emergiu pela importância que o mesmo representa na formação dos jovens e por outro lado, por sua negação no currículo da escola; Utilizou-se como metodologia de trabalho a oficina, e por fim, a experiência resultou numa rica oportunidade de prática pedagógica, proporcionada pela imersão das professoras em formação nos espaços de sala de aula.

Palavras-chave: professores de ciências – extensão – prática pedagógica

### ABSTRACT

The text in question describes an experience of initial formation for science teachers, through an extension project developed by graduate students of the Course of Biological Sciences / UNEAL at Costa Rêgo public state school, involving four classes of elementary school. The interest in developing such a project emerged with the aim of bringing the graduate students closer to school's reality and also collaborate with it, developing activities in partnership. The choice of the topic of adolescent sexuality, was brought up because of the importance that it represents in young people's formation and, on the other hand, by its denial in the school curriculum; As research methodology it was used workshop, and finally, the experience resulted in a rich opportunity of pedagogical practice, provided by the forming teachers immersion in the classroom.

Key-words: science teachers – extension – pedagogical practice

## Introdução

O presente artigo trata de uma experiência de formação inicial de professores de Ciências, através de um projeto de extensão desenvolvido por alunas da graduação do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas do Campus I da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, na escola pública Estadual Costa Rêgo, situada no município de Arapiraca-AL envolvendo quatro turmas do ensino fundamental.

A partir das discussões nas aulas de Metodologia do Ensino de Ciências I, sobre os desafios de ser professor/a na atualidade, mediante as múltiplas exigências as quais esses profissionais são convocados a enfrentar e, apoiados nas considerações de Nóvoa (1999) que tratam da necessidade de outra concepção de prática de formação de professores, que valorizem suas experiências como aluno, como aluno-mestre, como estagiário, como professor principiante, dentre outras, surgiu o interesse em desenvolver projetos de extensão com duas finalidades: aproximar o aluno da graduação da realidade da escola e ainda, colaborar com a mesma, desenvolvendo atividades em parceria.

O referido autor também destaca que:

Um elemento essencial deste debate é a afirmação de que as zonas indeterminadas da prática se encontram no cerne do exercício profissional docente. Tal facto leva-nos a conceder uma nova atenção à idéia de deliberação. O momento que o professor julga e decide, a partir da análise de uma situação regular e com base nas suas convicções pessoais e nas suas discussões com os colegas, transforma-se, assim, numa dimensão central do processo identitário (NÓVOA, 1999,p.19).

Nesse contexto de construção de identidade profissional, permeado pela necessidade de possibilitar outras oportunidades de prática, que não se limitem apenas ao estágio obrigatório, surgiu a proposta de realizar um projeto<sup>3</sup> de extensão com a escola Costa Rego<sup>3</sup>.

Por um lado, as memórias das aulas de ciências, relatadas por grande parte dos alunos da graduação, apontam para o fato de que as mesmas não representam um bom referencial para os futuros professores, considerando a problemática enfrentada por esse ensino. Por outro lado, a literatura sobre formação de professores de ciências (CACHAPUZ et all, 2005; CARVALHO e GIL-PÉREZ, 2006) discute necessidades e exigências formativas para tal ensino, daí as reflexões que motivaram a realização do projeto.

É importante salientar também, que houve o interesse da escola na proposta de criação do projeto, partindo da mesma o chamamento para desenvolver o projeto Vale Sonhar<sup>4</sup> voltado à prevenção da gravidez precoce, coordenado pelo sistema estadual de ensino, mas que naquela escola não estava sendo executado por dificuldades de tratar o tema, visto que a

professora que participou do treinamento destinado a sua aplicação, alegava dificuldades para operacionalização, dentre outras questões, por falta de conhecimentos na área de Biologia. Por sua vez, as demais professoras não conheciam o material e esse fato, ao que parece, impossibilitava qualquer ação educativa mais dirigida.

Consideramos importante abordar esses elementos, pois as professoras da escola não se mostraram aptas para a realização do trabalho de orientação sexual, ao contrário das alunas da graduação, que aceitaram o desafio ao ponto de construírem seu próprio projeto.

## 1- O Projeto Afeto e Prevenção: as duas faces da sexualidade

A escolha deste tema surgiu em decorrência da percepção de casos cada vez mais frequentes de gravidez na adolescência na escola em questão, bem como, pela necessidade de abordar questões direcionadas a orientação sexual, visto que tais questões não são contempladas no currículo da referida escola, mas afloram nos diferentes comportamentos manifestados pelos alunos/as, seja nas pichações nos corredores e banheiros ou ainda, no próprio “ficar”, além de atitudes preconceituosas observadas em muitos alunos/as.

No decorrer do trabalho, houve uma grande preocupação em focar o estudo nas necessidades relativas ao que diz respeito à sexualidade, procurando sempre manter em conexão a temática e o contexto social.

Segundo Araújo (1996) pode-se entender que a adolescência é um conjunto de transformações biopsicossociais, que acontecem entre a infância e a maturidade. É nesta fase que o adolescente procura se encontrar consigo mesmo, em meio a uma transição da identidade infantil para a adulta, cujo encontro exerce papel fundamental na formação e na consolidação da estrutura básica da sua personalidade.

É nessa fase que o indivíduo começa a se descobrir, pois se trata de um período em que o corpo sofre alterações hormonais e morfológicas perceptíveis, que podem provocar eventos psicológicos, que desencadeiam na formação da identidade sexual.

Mesmo tendo despertado para agir sexualmente, o adolescente ainda não tem completa maturidade sexual e responsabilidade reprodutiva. Os seus relacionamentos sexuais realizam-se mais para satisfazer os impulsos (ZAGONEL, 1999). Neste sentido, a família, em conjunto com a escola, desempenha um papel fundamental na construção da identidade sexual do adolescente, pois a orientação ajuda ao adolescente a enfrentar as situações conflituosas, dando-lhes suporte em sua decisão.

A escola tem papel fundamental nessa construção, para o desenvolvimento de uma orientação sexual, a fim de promover no aluno adolescente a percepção de auto-responsabilidade e compromisso com sua sexualidade, visto que é um ambiente social onde o indivíduo passa boa parte do seu tempo, sendo um espaço indispensável da construção dos contatos interpessoais (JARDIM & BRETAS, 2006).

A sexualidade das crianças e particularmente dos adolescentes é preocupação escolar desde o século XVIII, quando esta questão torna-se um problema público (FOUCAULT, 1997 apud ALTMANN, 2006).

Entretanto, somente a partir da década de 70 foi que a discussão sobre a inclusão da sexualidade no currículo das escolas se intensificou, em decorrência das alterações comportamentais entre homens e mulheres (PIASENTIM *et al*, 2009). Por sua vez, na década de 80 verificou-se a intensificação de doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez na adolescência, resultantes da falta de diálogo na família. Com isso houve a necessidade de se trabalhar a orientação sexual na escola, pois ela também intervém na transmissão de valores. A sexualidade é um aspecto do ser humano e não pode ser tratada sem importância, pois poderá comprometer não só o presente, mas também as futuras gerações (PCN, 1998).

A Orientação sexual deve ser de forma a preparar o indivíduo para a vida, porém para educar é preciso que o educador esteja preparado para tal tarefa (PIASENTIM *et al*, 2009). Braga (2010) nos lembra que os Parâmetros Curriculares Nacionais se constituem em um suporte curricular e não se apresentam sob a forma de uma lista de conteúdos para serem ensinados, mas como uma proposta de transversalidade, para trabalhar de forma flexível as necessidades apresentadas pela escola.

Nesta perspectiva, o projeto de extensão apresentou como objetivos: sensibilizar os educadores para o desafio de trabalhar a sexualidade, mesmo sendo uma temática complexa; desenvolver a orientação sexual preventiva, através de discussões com adolescentes sobre a gravidez na adolescência e a construção da identidade dos adolescentes.

## 2- Metodologia

A construção e o desenvolvimento do projeto ocorreram em três etapas, merecendo cada uma delas um breve enfoque descritivo. O primeiro momento consistiu na formação da equipe de trabalho. O passo seguinte foi participar de algumas reuniões pedagógicas promovidas pela escola, no intuito de possibilitar a integração ao grupo e obter informações

pertinentes aos alunos/as para o planejamento, o que a nosso ver caracteriza um planejar compartilhado.

Assim, a indicação das turmas a serem envolvidas no projeto, partiu das professoras; os temas abordados nas oficinas surgiram através de enquete aplicada aos alunos/as. Após levantamento dos dados iniciais, partiu-se para o grupo de estudos no sentido de realizarmos o embasamento teórico necessário ao projeto. Por fim, definiu-se o cronograma e iniciou-se o terceiro momento, com uma palestra para alunos/as e professoras das turmas envolvidas e a realização das atividades propostas através das oficinas. Essa metodologia foi escolhida pelo fato de proporcionar um trabalho estruturado com grupos, focado em uma questão, que os integrantes propõem elaborar num contexto social (CARVALHO; RODRIGUES; MEDRADO, 2005).

Como ferramenta de motivação e envolvimento dos alunos/as, fez-se uso da técnica de dinâmicas, para tanto, usou-se alguns recursos como lápis, pincel, cartolina, papel e data show. De forma que os participantes expressassem seus desejos, dúvidas, permitindo discussões sobre as temáticas trabalhadas. Ao término de cada oficina, os alunos/as eram submetidos a uma atividade ainda em sala de aula, a fim de expor suas ideias e opiniões, tanto relacionadas ao pré-conceito que já obtinham, quanto aos conceitos que, por ventura tenham adquirido.

### 3- Resultados e Discussão

Primeira Oficina: Este encontro teve como temática “Orientação Sexual do Adolescente”. A atividade foi desenvolvida através de dinâmica e exposição com data show, abordando a diferença entre educação e orientação sexual. Segundo Ferrão *et. al.* (2007) a educação sexual está presente nas atitudes, nos valores, nas informações e convicções que são transmitidas de maneira informal na relação com crianças, adolescentes e adultos. Para fazer e receber educação sexual, não existe hora marcada, nem idade definida. Já a orientação sexual é uma intervenção no processo educacional de caráter preventivo, intencional e sistemático, através de informações e reflexões sobre fatos e experiências ligados a sexualidade.

Na sequência realizamos uma dinâmica em que cada aluno/a colocou os nomes pelos quais conheciam os órgãos sexuais no quadro, a mesma tinha como objetivo mostrar aos alunos/as que os órgãos sexuais possuem apenas uma nomenclatura correta: *vagina* e *pênis* e que, por uma educação sexual inadequada, as partes sexuais do corpo humano tornaram-se vulgares.

Foi explicada também a questão da sexualidade na adolescência, desde a fase da puberdade até a adolescência. Na fase da puberdade foi mostrado, através de figuras, o início das mudanças no corpo, os órgãos responsáveis por essa mudança e os respectivos hormônios sexuais atuantes. E na fase da adolescência foi evidenciada a questão dos aspectos físico/sociais (FERRÃO *et. al.*, 2007).

No aspecto físico foi enfocada desde a questão do desejo sexual tanto para homens quanto mulheres; da excitação, da capacidade orgástica, até a diferença da quantidade de espermatozoides e a de óvulos produzidos. Por sua vez, no aspecto social destacou-se a questão dos grupos sociais, a diversidade de valores que cada um recebe e a vida escolar.

No início desse encontro, alguns alunos/as ficaram um pouco constrangidos, por conta da dinâmica, mas depois que eles/as entenderam o objetivo dos nomes vulgares no quadro e compreenderam a sua importância para diferenciar orientação sexual de educação sexual, interagiram bastante, a todo o momento fazendo perguntas, assim como, respondendo as questões colocadas.

Dando sequência as etapas propostas, aconteceu a segunda oficina intitulada de “Nem toda relação sexual engravida”, baseada na proposta do Projeto Vale Sonhar que também aborda a temática, nessa ocasião todos os alunos/as ficaram entusiasmados, mais à vontade com o projeto e começaram a perguntar mais sobre o que acontecia com o seu corpo.

Segunda Oficina: Foram projetados slides enfocando a anatomia e fisiologia dos órgãos genitais feminino e masculino, envolvendo os alunos na construção de significados para tais contextos, apostando na superação da visão reducionista do estudo dos aparelhos reprodutores. Nessa abordagem enfatizou-se o ciclo menstrual nas mulheres e a produção de espermatozoides nos homens, pois se considerou necessário para que os alunos/as aprofundassem seus conhecimentos sobre seus corpos e, assim, poder cuidar.

Outro ponto abordado foi a reprodução humana, quanto à diferença entre a fertilidade de homens e mulheres, para enfatizar que só há gravidez se houver o encontro do espermatozoide com o óvulo, nas tubas uterinas.

E como atividade para esse momento os alunos/as se reuniram em grupos, para fazer um pequeno texto sobre o que eles achavam do sexo se era, “gostoso e perigoso” ou “gostoso e não perigoso”, atividade extraída de um manual de orientação sexual (SUPLICY, 1995). O resultado demonstrou que o sexo é prazeroso, no entanto perigoso, quando algumas medidas de prevenção não são tomadas devido ao desejo “incontrolável”, segundo conclusão dos grupos.

A partir dessas observações, iniciamos a dinâmica do HIV, que consistia em simular cruzamentos de pessoas infectadas, sem demonstrar isso fenotipicamente, com pessoas saudáveis, utilizando copos descartáveis, água pura e água sanitária (para “infectados”) e somente água pura, para saudáveis; após o cruzamento, foi colocado um reagente, a fenolftaleína em cada copinho, que reagiu, mudando a coloração da solução, este seria “infectado” pelo vírus. A discussão que seguiu após a descoberta dos infectados (simulação) reforçou outro aspecto do sexo sem proteção, o risco de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis.

Terceira Oficina: Repetiu-se a metodologia utilizada no momento anterior, expondo situações em forma de quadrinhos, as quais apresentavam o dilema que a virgindade representa, tanto para meninas como para meninos, a reação dos pais, os questionamentos sobre a primeira relação sexual, a questão da popularidade, a insegurança dos adolescentes e a gravidez na adolescência. Todas as tirinhas foram apresentadas e discutidas com os alunos.

As opiniões foram divergentes entre alunos e alunas, pudemos observar que ainda existe o preconceito em relação à virgindade. Na maioria das opiniões masculinas, as meninas que são virgens são as melhores para casar e as que não são virgens, são somente para diversão, o que não divergiu muito do ponto de vista da maioria das alunas, que também afirmavam que uma esposa ideal seria aquela que se “preservasse” para um único homem em sua vida – seu esposo.

Essas relações são consequência de um processo pedagógico que procede do nascimento, e percorre em todo o ciclo da vida, evidenciando ainda mais a desigualdade e hierarquia imposta entre homens e mulheres, principalmente no que tange à sexualidade, à reprodução, à divisão sexual do trabalho e à vida social (CABRAL; DÍAZ, 1999).

Também foi explorado nesse encontro o conceito de *gênero*, que para Bento (2006) este conceito representa a maneira como o indivíduo deseja ser notado na sociedade, desprezando as referências biológicas, relacionando-o ao sexo e à opção sexual, desconsiderando o fato de que o ser humano é o que as genitálias informam; e o conceito de *sexo*, que Cabral e Díaz (1999) definem como sendo as características peculiares dos aparelhos reprodutores masculinos e femininos, seu funcionamento e características que aparecem em decorrência da produção de hormônios.

Por outro lado, os papéis do homem e da mulher na sociedade mudam, conforme o tempo e as situações em que se adequam. Desde o período embrionário, a criança sofre influências da família, quanto à sua sexualidade, que é determinada de acordo com sua

genitália externa. E a partir de então, são introduzidos na sociedade como tais, de acordo com a cultura.

Nesta perspectiva, foi exemplificado de maneira bem objetiva, algumas funções ditas típicas de um gênero realizadas por outro, o que gerou uma discussão bem significativa. Em muitas profissões a questão do preconceito é bem evidente. Na opinião dos alunos/as tanto homens como mulheres têm suas profissões definidas, como por exemplo, mecânico para homens e balé para as mulheres. Essa discussão mostrou-se importante para repensar preconceitos e mostrar aos alunos/as que tanto homens como mulheres podem atuar em diversas áreas sem influenciar na opção sexual.

Na sequência realizou-se uma dinâmica em grupo, em que os alunos/as se dividiram em grupos de meninas e meninos tendo como função escrever, no papel madeira, suas ocupações em casa e apresentar para os demais colegas. O resultado foi que as meninas faziam a maior parte das tarefas de casa, tais como: lavar louça, fazer a comida, lavar o banheiro, lavar as roupas etc. E os meninos disseram que ajudam em casa a colocar o lixo para fora, lavar o carro, cuidar do jardim, ir ao supermercado e padaria, mas que ficavam a maior parte do tempo se divertindo, em atividades no computador e jogando vídeo game.

Essa oficina nos remete a reflexões sobre o papel dos pais na educação dos filhos e filhas, reproduzindo as relações de poder que, provavelmente, também foram impostas sobre eles, naturalizando assim, preconceitos.

#### 4- Percepções das professoras em formação no exercício da docência

Alguns aspectos significativos da experiência vivenciada com os adolescentes se evidenciaram pela intensa curiosidade e interesse dos alunos participantes do projeto, o que se justifica pela ausência dessas discussões no currículo desenvolvido pela escola. A interação dos alunos/as entre si e com o grupo de trabalho, também foi importante, visto que o diálogo estabelecido permitiu a realização das oficinas com segurança por parte das professoras em formação. Não houve constrangimentos ao tratar de questões referentes à sexualidade, o que por sua vez, representava um problema para as professoras titulares.

Por outro lado, o interesse apresentado inicialmente pelas professoras, não se intensificou durante a realização das oficinas. Na maior parte do tempo, as atividades foram desenvolvidas sem a presença das professoras, que deixavam as turmas a nossa disposição. Para o grupo, esse fato representou uma perda significativa da oportunidade de desenvolver um trabalho de natureza coletiva, posto que, ao concluirmos nossa atividade, são estes



profissionais que continuarão suas práticas com os alunos/as, possibilitando continuidade ou não do processo formativo por ora iniciado.

## Conclusão

A escola pode ser considerada um lugar privilegiado para a implantação de propostas que promovam o bem estar e a saúde da criança e do adolescente. E a sexualidade pode ser trabalhada neste ambiente como um tema transversal e interdisciplinar, transpondo fronteiras de opção sexual, gênero e condição social, visto que esta temática é considerada um problema a ser enfrentado pela família e pela escola, procurando desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa nos adolescentes.

Além de funcionar como ponto de partida para o crescimento de uma sociedade mais consciente e responsável, a escola precisa tornar-se um instrumento de formação contínua, visando o desenvolvimento psicossocial do adolescente, induzindo-o a administrar com mais eficácia as reações pertinentes à sexualidade.

O projeto deveria ser executado com a presença e colaboração das professoras, com o intuito de desinibi-las ao ponto de direcionar outro olhar à temática, que merece atenção redobrada, devido aos índices alarmantes de gravidez na adolescência e de doenças sexualmente transmissíveis que persistem, bem como, as demais questões já apontadas. Entretanto, a maioria das professoras não permaneceu na sala de aula, deixando a impressão de que o assunto não é de relevância ética e social. Ainda assim, ficou a convicção de que o trabalho com as quatro turmas, envolvendo 120 adolescentes permitiu reflexões que venham auxiliá-los a cuidar melhor de si próprios.

Por sua vez, para as professoras em formação inicial o projeto foi muito satisfatório, pois funcionou como uma ponte unindo o conhecimento teórico com a prática pedagógica. Através das discussões sobre a sexualidade do adolescente pode ser acrescentado subsídios para sua identidade profissional docente, podendo citar postura preparada para lidar com diversas situações, que por ventura venham a ocorrer em sala de aula, já que a faixa etária está em processo de descoberta sexual.

NOTAS:

- 1-Alunas do 7º período do Curso Licenciatura em Ciências Biológicas Campus I da UNEAL;
- 2-Professora de Metodologia do Ensino de Ciências, mestranda em Educação Brasileira/UFAL.
- 3- A referida escola compartilha o prédio com o Campus I da Universidade Estadual de Alagoas.
- 4- No estado de Alagoas o projeto deveria ser implantado em todas as escolas da rede pública estadual de ensino médio, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação e o Instituto Kaplan.

Referências

ALTMANN, H. **Sobre a Educação Sexual como um Problema Escolar**. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, vol.7, nº 1. 2006. Disponível em:< <http://www.periodicos.udesc.br/index.>>Acessado em: 01 junho 2010.

ARAÚJO, E. C. **Aspectos Biopsicossociais na Sexualidade dos Adolescentes**: Assistência de Enfermagem. Universidade Federal da Paraíba- Centro de Ciências da Saúde – Mestrado em Enfermagem de Saúde Pública, 1996. Disponível em: <http://www.mundoenfermero.com/teses/> > Acessado em: 19 Ago 2010.

BENTO, B. **A Reinvenção do Corpo**: sexualidade e gênero na experiência transsexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256p. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt->> Acessado em: 19 de ago 2010.

BRAGA, D. S. **Disjunções da Sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nos Projetos Escolares de Educação Sexual**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/posteres/GT23>> Acessado em: 02 jun de 2010.

BRASIL- Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN**: 3º e 4º ciclos: temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação**: um novo olhar. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. Belo Horizonte: Gráfica Editora Rona Ltda, 1999. p. 142-150.

CACHAPUZ, A; GIL-PÉREZ, D. **A necessária renovação do ensino das ciências**. São Paulo: Cortez, 2005.

CARVALHO, A. M.; RODRIGUES, C. S.; MEDRADO, K. S. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. **Estudos de psicologia**. Natal, v. 10, n. 3, p. 377-384, set./dez. 2005.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de;GIL-PÉREZ, Daniel. **Formação de professores de ciências**: tendências e inovações. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FERRÃO, A. L. et all. **Vale Sonhar**, livro do professor/Instituto Kaplan; São Paulo: Trilha Educacional, 2007.

JARDIM, D. P; BRETÃS, J. R. S. **Orientação Sexual na Escola**: a concepção dos professores de Jandira – SP. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Saúde

Pública do Departamento de Enfermagem da UNIFESP, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf>> Acessado em: 02 jun 2010.

NÓVOA, Antônio. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan/jun.1999.

PIASENTIM, R. L. A.; BRAGA, E. R. M. **Sexualidade e Adolescência nas 5<sup>as</sup> Séries**. Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/>> Acessado: 01 jun 2010.

SUPLICY, M. **Sexo para adolescentes: amor, sexualidade, masturbação, virgindade, anticoncepção, AIDS**. 3. ed. São Paulo: Ed. FTD,1995.

ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. **O ser adolescente gestante em transição sob a ótica da enfermagem**. Pelotas: Ed. gráfica Universitária/UFPE, 1999.